



APRESENTAÇÃO

Em um mundo complexo e contraditório, cada vez mais incompatível com um pensamento pautado por certezas absolutas, definitivas e totalizantes, o ensaio se apresenta como espaço de resistência; como um convite à dúvida, à reflexão crítica e à liberdade criativa. Irredutível a recortes temáticos, estilísticos ou metodológicos, o gênero inventado por Montaigne no século XVI, coloca-nos, de saída, diante de um paradoxo. Articulado especulação e experiência, pensamento e corpo, a peculiaridade do ensaio – adverte Ana Cecília Olmos (2009)¹ – repousa, justamente, na impossibilidade de seu enquadramento às tipologias do discurso. Como, então, reconhecê-lo?

Nesse sentido, as impressões de György Lukács, Max Bense, Theodor Adorno, Alberto Giordano, Diamela Eltit, Beatriz Sarlo, Virgínia Wolf, Jean Starobinski e César Aira – para citar apenas alguns dos pensadores que se debruçaram sobre o tema – coincidem em um aspecto: o que faz de um texto um ensaio não é a forma, nem o conteúdo, mas a *perspectiva*. Dito de outro modo, ainda que apresentem pontos de vista, em alguns casos, ligeiramente distintos e, em outros, notadamente conflitantes, cada um desses autores identifica no ensaio um espaço em que a subjetividade se transforma na própria dinâmica de escrita. Trata-se de uma prática que, ao rejeitar as fórmulas e prescrições, convida à liberdade criativa

1. Cf. OLMOS, Ana Cecília. Los límites de lo legible: ensayo y ficción en la literatura latinoamericana. *Crítica Cultural*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 3–16, jun. 2009.

e especulativa. O ensaio é, assim, um gesto crítico que subverte verdades absolutas e rejeita narrativas unívocas, propondo, em substituição, um discurso aberto e múltiplo. E, desse modo, para além de sua configuração estética, ele é, por excelência, um gesto político: ao questionar verdades estabelecidas, esse tipo de prosa assume uma postura que desloca a perspectiva dominante e coloca em disputa outras possibilidades de expressão do pensamento. Ensaiai é, antes de tudo, questionar as narrativas hegemônicas, desestabilizar pressupostos e abrir espaço para novas formas de visibilidade e inteligibilidade.

Assumindo a enunciação em nome próprio como princípio e finalidade, a postura crítica e especulativa própria ao ensaio posta-se como uma prática intelectual transformadora — que se desafia e renova constantemente. Uma prática que não teme a contaminação e mantém-se

trânsito: entre o objetivo e o subjetivo, o estético e o crítico, o histórico e o contemporâneo. Rejeitando, com veemência, a segurança da certeza, o ensaio abre-se para a criação de discursos que não se pretendem conclusivos, mas se sabem potentes em sua instabilidade.

Este número celebra a riqueza do ensaio em suas diversas manifestações e — tecendo uma conversa que atravessa tempos, temas e contextos — apresenta na seção *Dossiê*, cinco textos que exploram, cada qual à sua maneira, as múltiplas facetas desse gênero tão plural.

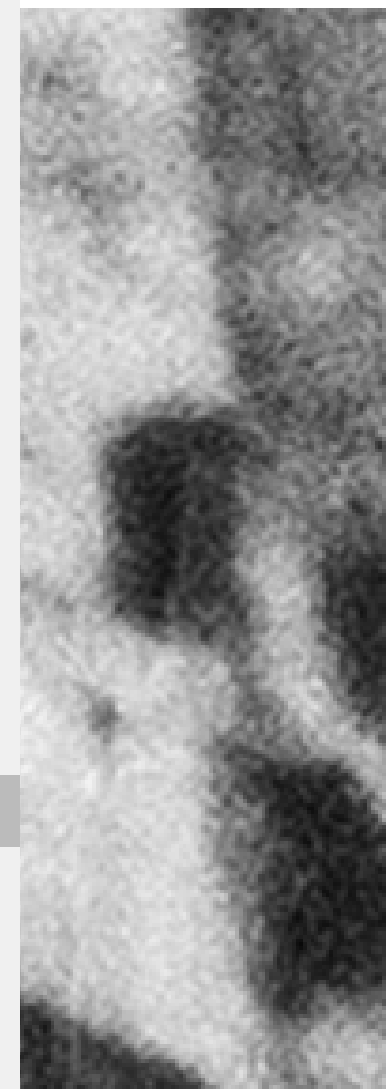
Mariana de Mendonça Braga, em “A quem se endereça este ensaio?”, examina o gesto epistolar e amoroso no ensaio “Três faces de Eva”, de Helder Macedo. A autora revela como a escrita de Macedo se aproxima da intimidade de uma carta de amor, estabelecendo um diálogo

sensível entre o crítico e os poetas galego-portugueses por ele estudados, o que ilumina as possibilidades afetivas do gênero ensaístico. Eduardo Cesar Maia Ferreira Filho, em “Gilberto Freyre e o ensaio humanista hispânico”, revisita a obra do sociólogo brasileiro sob a ótica da tradição humanista ibérica. Ele demonstra como Freyre funde ciência e subjetividade, desafiando os métodos cartesianos ao valorizar a concretude da experiência e a dimensão impressionista da prosa ensaística. No artigo “Que escapa: a fuga do ensaio”, Gabriel Salvi Philipson conduz um instigante diálogo entre Jean Améry e Vilém Flusser, explorando como cada um dos autores utiliza o ensaio para tratar de subjetividade, exílio e identidade.

A abordagem ensaística do cinema ganha destaque no artigo de Roberta Oliveira Veiga e Eduardo Azevedo Medeiros, “Reparar para ensaiar: o devir outro da imagem

em Agnès Varda”. Os autores analisam como a cineasta transforma a imagem em um gesto reparador e reflexivo, explorando seu potencial estético e político por meio de uma escrita processual e aberta. Finalmente, em “História de família: um ensaio sobre O arroz de Palma”, Rafael Fava Belúzio, apresenta uma reflexão afetuosa e coletiva que emerge da leitura do livro de Francisco Azevedo feita, em família, durante a pandemia. Neste ensaio, o autor conecta a narrativa familiar do romance à memória coletiva e apresenta uma reflexão que demonstra como o gesto de ensaiar pode tornar-se um modo de partilha e resistência.

Já a seção *Teoria, Crítica Literária outras Artes e Mídias* apresenta o artigo de Aldeci Nardes Silva, “Literatura cuitiana: ecos de preservação das tradições de um povo”, sobre os feitos da exploração capitalista em Luar-do-Chão, uma ilha fictícia do romance *Um rio chamado tempo, uma casa*

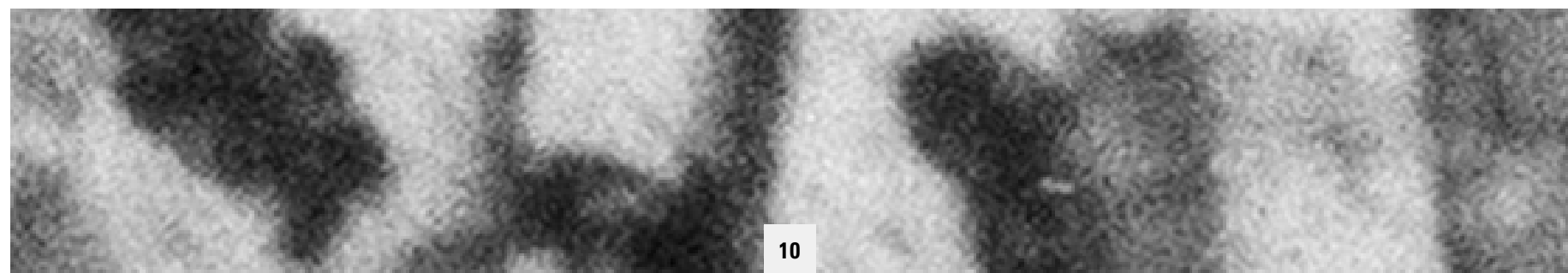


chamada terra, de Mia Couto (2003). Analisa-se o discurso literário, sobretudo o hibridismo entre o gênero carta e o romance coutiano, com base nas concepções bakhtinianas sobre a teoria do romance e a cronotopia e nos estudos sobre o gênero epistolar. Herança da colonização portuguesa, a exploração capitalista continua mesmo após a independência do país, cujo enredo é atravessado pelas histórias de Moçambique, país natal do escritor. Por sua vez, o texto “A Mensageira: uma revista brasileira feminista do século XIX”, de Elisa Capelari Pedrozo, investiga o conteúdo da revista dedicada à mulher brasileira (1897-1900), organizada por Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), como contribuição para as pesquisas sobre a Imprensa Brasileira Feminista na História da Literatura.

A seção *Em Tese* apresenta quatro publicações, das quais duas estão diretamente vinculadas à temática do

dossiê. No texto “Ensaísmo de ficção na obra de Nuno Ramos”, Gleidston Alis examina o hibridismo entre conto e ensaio presente no livro *Ó*. A obra, descrita como inespecífica e aberta, tensiona as fronteiras dos gêneros literários, propondo uma escrita fragmentada que exige do leitor participação ativa na construção dos sentidos. Já Igor Gonçalves Miranda e Fernando de Mendonça, em “Imagens extáticas para uma estética de si: os prefácios ensaísticos de Italo Calvino”, investigam dois prefácios do autor — quais sejam, o “Prefácio”, de *Os nossos antepassados* e o “Prefácio à segunda edição”, de *A trilha dos ninhos de aranha* — como espaços de autorreflexão e criação.

O artigo de Janis Caroline Boiko da Rosa, intitulado “Ativismo pacifista sob a ótica feminina: a apropriação e a instrumentalização da escrita no romance *Shadow on*



the Hearth”, aborda sobre o romance *Shadow on the Hearth*, publicado por Judith Merrill, em 1950, e busca, portanto, compreender de que maneira a autora se apropria da escrita literária e da ficção científica para figurar os impactos de um conflito atômico sobre a vida de mulheres e como essas figurações veiculam discursos pacifistas. Outro artigo que também consta nesta seção é o de Rafael Guimarães Tavares Silva, intitulado “As bases antigas da modernidade literária”, que se dedica à defesa do filólogo Friedrich August Wolf como uma das influências fundamentais na invenção da modernidade literária, a partir da sua abordagem crítica da tradição de poemas atribuídos a Homero, oferecida com a publicação de seu *Prolegomena ad Homerum* (1795).

Em consonância com a proposta deste número, apresentamos a entrevista conduzida por Alicia Salomone

com Grínor Rojo, intitulada “O ensaio: um modo de dizer nascido da crítica”. Publicada originalmente no livro do ensaísta chileno *Los gajos del oficio*, a entrevista aborda com profundidade as raízes históricas do gênero, sua íntima relação com a modernidade e seu papel na crítica às estruturas dominantes. Rojo apresenta o ensaio como um espaço privilegiado de resistência intelectual, destacando figuras centrais do pensamento latino-americano e analisando os desafios impostos pelos contextos sociopolíticos do continente, em especial durante as ditaduras militares e o avanço do neoliberalismo. Traduzida por Camila Carvalho, a entrevista reforça o potencial transformador do ensaio que, ao rejeitar certezas absolutas, convida à reflexão crítica e à abertura de novas perspectivas.

A seção *Resenha* apresenta dois textos. No primeiro, também em diálogo com a temática do dossiê, Ana Maria

Soares Zukosk e Vicentônio Regis do Nascimento Silva apresentam o ensaio *Desvendando o método: um estudo sobre a investigação científica em Sherlock Holmes*, de José Artur Teixeira Gonçalves. Além deste, a seção também evidencia o texto “*Jovens místicos*” em luta contra o capitalismo patriarcal: sobre a reedição de *Fada*, de Dyonelio Machado, de Jonas Kunzler Moreira Dornelles.

Por fim, na seção *Poéticas*, em diálogo direto com a temática do dossiê, apresentamos dois trabalhos que exploram o ensaio enquanto gesto de experimentação, questionamento e criação. Em *Estrangeiras dos trópicos (2018-2024)*, Bárbara Lissa A. de Campos reflete sobre os modos de habitar fronteiras, entrelaçando memórias familiares e deslocamentos históricos em uma narrativa visual e textual que aborda a estranheza como forma de pertencimento e reinvenção identitária. Já em *Quem constrói as casas*

(2020-2024), Maria Vaz explora as histórias, afetos e memórias que atravessam a construção de espaços físicos e simbólicos, propondo uma leitura que subverte os papéis tradicionais atribuídos às mulheres e ressignifica o ato de construir como um gesto afetivo e criativo.

Como forma de reflexão crítica, resistência intelectual e experimentação estética, o ensaio continua a ocupar um lugar de destaque no pensamento contemporâneo, sobretudo em tempos marcados por instabilidades e desafios políticos, sociais e culturais. Este número convida os leitores a explorar as múltiplas possibilidades desse gênero plural, que rejeita limites rígidos e acolhe a liberdade criativa. Seja por meio dos textos analíticos, das narrativas visuais ou dos gestos poéticos aqui apresentados, reafirma-se o potencial transformador do ensaio enquanto espaço de questionamento, articulação de

novas perspectivas e constante reinvenção do olhar sobre o mundo. Boa leitura!

*

Alice Carvalho Diniz Leite
Bruna Stéphanie Oliveira Mendes da Silva
Camila Carvalho
Henrique Júlio Vieira
Lorena do Rosário Silva
Pedro Rena